

# A Lanterna

JORNAL DE COMBATE AO CLERICALISMO

ASSINATURAS:  
Ano (52 ns.)..... 15\$000 || Semestre (26 ns.) 8\$000  
Avulso, \$200 — Atrasado, \$400 — Pacote de 25 exemplares, 3\$000  
(Impresso na Grafica Paulista — Rua da Gloria, 42)

Diretor-gerente: LOGARD LEUENROTH  
Redação e Administração: RUA SENADOR FEIJO' N.º 8-B  
CAIXA POSTAL 216 — S. PAULO (BRASIL)

FUNDADA EM 7 DE MARÇO DE 1901 — NUM. 393  
APARECE QUINZENALMENTE, AOS SABADOS  
S. PAULO, 20 DE ABRIL DE 1935

## SEMANA SANTA

### DE Guerra Junqueiro

I  
Não podendo dormir no horror da sepultura,  
Na podridão escura  
Da terra imunda e fria,  
Voltaire, despedaçando o fêretro chumbado  
E cingindo o lençol ao corpo esverdeado,  
Ressuscitou um dia.  
Pairava-lhe no lábio o riso fulminante  
Com que outrora gravou nas crenças virginais,  
Como num rico espelho a aresta dum diamante,  
Tamanhas abjeções, sarcasmos tão brutais.  
Mas era ao mesmo tempo o riso heróico e bom  
Que os tiranos prostrava em mísero desmaio,  
Riso a que sucedeu o verbo de Danton,  
Como um trovão sucede ao lampejar dum raio.  
Dormira febrilmente um longo sono inquieto  
Emquanto andava o mundo a executar-lhe os planos.  
E vinha ver emfim, diabólico arquitecto,  
O estado da sua obra ao cabo de cem anos.

O sábio divino, ó monstro da ironia,  
Génio que Deus conduz e Satanás impele,  
Que esmagas hoje a infame, e escreves no outro dia  
Com a tinta do enxurro os versos da Pucelle;  
Tu és feito de luz e feito de baixezas,  
Feito de heroicidade e de protérvias más;  
Corromperam-te a alma os braços das duquesas  
E encarquilhou-te a face o rir de Satanás.  
Rasgas ao mundo novo a estrada do futuro,  
Cantando ao mesmo tempo o sórdido deboche:  
E's como um Juvenal dentro dum Epicuro,  
O' arlequim-titan, ó semi-deus-gavroche!  
Nesse lábio mordente esse sorriso eterno  
Faz frio como a ponta aguda duma espada;  
O teu génio, Voltaire, é como o sol do inverno,  
Dá muitíssima luz, mas não aquece nada.  
Em vão por sobre a paz dos campos desolados  
Ele entorna do azul seus vivos esplendores:  
Não cantam rouxinóis nas sebes dos valados,  
Não faz nascer o trigo e germinar as flores.  
E' que nunca soubeste o que é a dor profunda  
Que estala fibra a fibra os grandes corações;  
E' que nunca choraste, ó Prometeu corcunda,  
Como Dante chorou, como chorou Camões.  
Voltaire, ó rachador de velhos preconceitos,  
Aos golpes do teu riso, a golpes de machado  
Cairam sobre a terra, atléticos, desfeitos,  
Na floresta da noite, os cedros do passado.  
Mataste a tradição, o dogma, o privilégio.

Associa-te a nós a nós de nossos pais,  
E andaste pelo azul, hediondo sacrilégio!  
A correr á pedrada os deuses imortais.  
Empunhando o alvião terrível da verdade  
Tu minaste, Voltaire, infatigavelmente,  
O alicerce de bronze á velha sociedade.  
Do teu riso cruel a onda dissolvente  
Foi como os vagalhões, arietes do mar,  
Que cavam sob a rocha um tão profundo abismo  
Que a rocha quasi fica assente sobre o ar.  
Tu minaste, Voltaire, a rocha despotismo  
E depois de ter feito a escavação noturna,  
Como fazem no monte as feras sanguinárias,  
Encheste até á boca essa medonha furna  
Com barris de petróleo e bombas incendiárias.  
E emquanto o nível pé soborbo de Antonieta  
Da França estrangulava a suplicante voz,  
Tu lançavas de longe a trágica luneta,  
Velho Fauno cruel, rindo com riso atroz.  
Até que um dia emfim, exausto de cansaço,  
Sentindo já sem força as garras de condor,  
Tu chegaste, Arouet, sem te tremer o braço,  
Ao rastilho da mina o fogo abrasador.  
Cobriu-se então o azul duma tormenta escura,  
Ecoou lugubrememente o estrondo do trovão,  
Viste arder o rastilho até uma certa altura,  
E foste-te esconder, a rir, na sepultura,  
Mal se ia aproximando a hora da explosão.

Quando ressuscitou, Voltaire ficou atônito  
Vendo os nossos chapéus e as nossas calças pretas,  
Mas como desejava andar no mundo incógnito,  
E não lér o seu nome impresso nas gazetas,  
Oh, a necessidade a quanto nos obriga!  
Voltaire, o diplomata, o cortezão taful,  
Largou a juba d'oiro, a cabeleira antiga,  
E foi vestir-se á moda aos armazens do Pool.  
Na sexta-feira santa os templos percorria  
Voltaire para observar os crentes verdadeiros  
No dia da paixão, no lutooso dia  
Em que se faz de Cristo o deus dos confeitores.  
Arouet, ao ver aquela estúpida farçada,  
Foi acordar Jesus na sua campa ignorada  
E disse-lhe:

### II

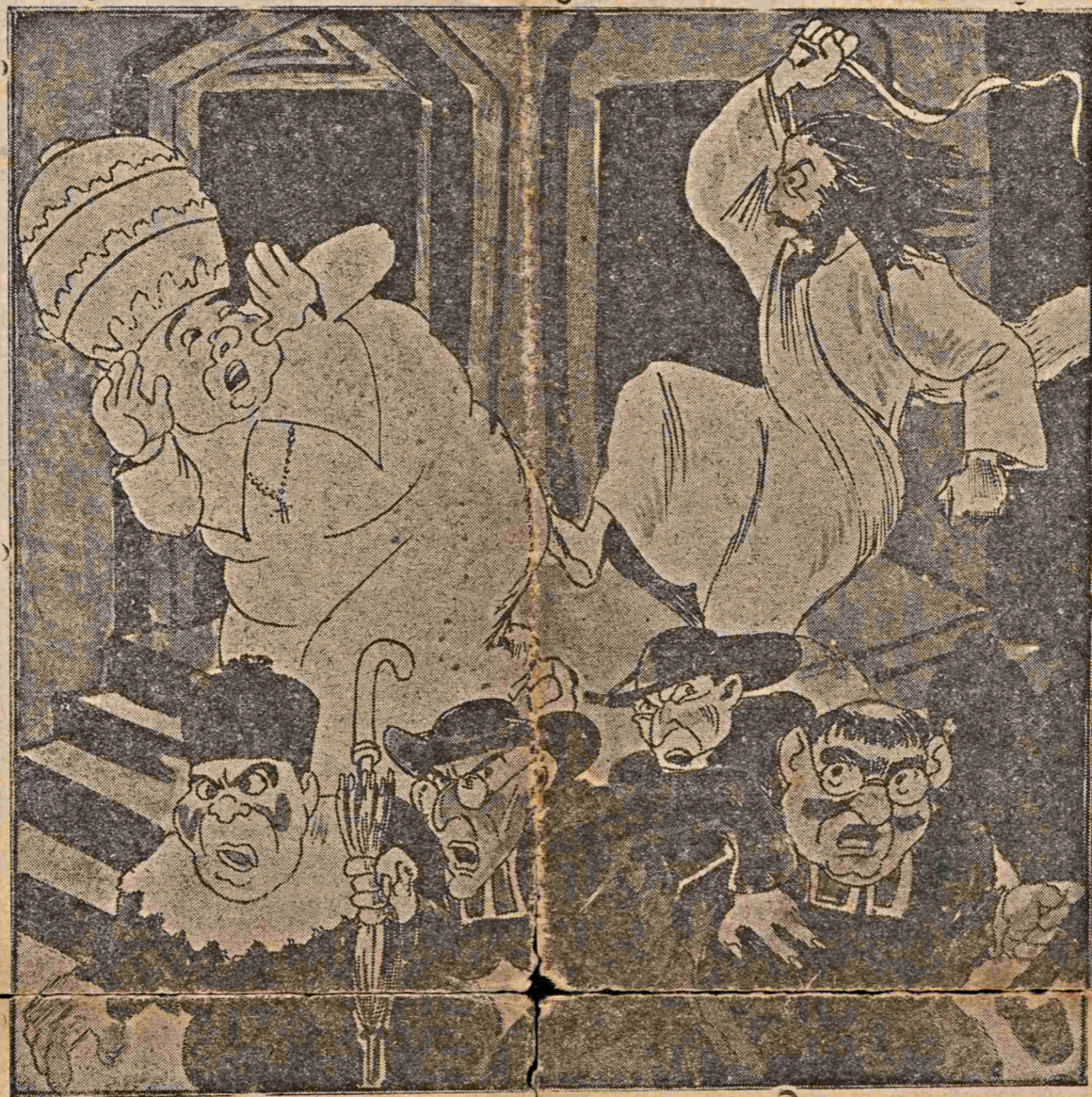
— "Anda ver ó Cristo és estes bandidos.  
Que rostos tão floridos,  
Que belas digestões!  
O pávido Jesus, ó scismador antigo,  
Levanta-te da campa e vem d'ái comigo  
A ver estes ladrões.

Nós vamos passear juntos, de braço dado,  
Mas vestirás primeiro um fraque bem talhado  
De fino pano inglês,  
E has-de pôr na cabeça este chapéu redondo,  
Para ficar gentil, para ficar hediondo  
Como qualquer burguês.

Tu odeias de-certo estas casacas pretas.  
Mas não quero, Jesus, que tu me comprometas  
Com esse balandru muitíssimo raído.  
Se eu fosse ao boulevard contigo e alguém me visse,  
Ninguém, oh flor do tom! ninguém, oh canalhice!  
Me apertaria a mão.

O talhe dum colete e os pontos duma luva,  
A menor frioleira, um simples guarda-chuva,  
Substituiram hoje as regras de Lavater:  
Passando eu por acaso enodado e roto,  
Diriam: "Que chapéu! que pulha! que maroto!  
Aquele homem não tem nem sombras de carácter!"

Anda, veste a farpela. Agora, sim senhor!  
Muito grotesco és, meu pobre Redentor!



Viu-se na tela um cristo em fúria

Expulsando da igreja os cristãos a chicote  
E expulsando do altar o papa a pontapé!

Vais a comprometer-me, ó alma do Diabo!  
Que figura infeliz, inteiramente chata!...  
Pelo menos corrige o laço da gravata  
E põe na boutonniere este jasmim do Cabo.

Necessitas de ter maneiras delicadas  
E a arte dizer uns pequeninhos nada  
Com chic e distinção. Ser Deus é muito bom;  
Mas é preciso ser um deus da fina roda,  
Um deus do nosso tempo, um deus da última moda,  
Um deus petit-crevé, um deus á Benoiton.

Se amanhã por acaso alguém, medita nisto,  
Te fosse apresentar — Sua Exa. o Cristo —  
Nos devotos salões do bairro São-Germano,  
Oh escândalo! oh farçal! oh padre onipotente!  
As duquesas, sorrindo aristocraticamente,  
Achavam-te decerto um Deus provinciano.

Saiamos para a rua. A gente anda de luto,  
Porque consta que outrora um visionário, um bruto,  
Se deixara morrer pregado num madeiro.  
E hoje em memória disto os pais compram ás filhas  
Três caixas de pastilhas  
Na loja dum doceiro.

Quanta mulher formosa aí nesses balcões!  
Que lindas tentações,  
Meu pávido judeu!  
Deixa por um instante as regiões serenas;  
Namora estas pequenas,  
Que elas não de gostar do teu perfil hebreu.

Arranja um casamento e aprende a ter juizo.  
A noiva pouco importa; o dote é que é preciso  
Discuti-lo. Olha lá, os pais que sejam velhos!...  
Que vá para o diabo o reino da Utopia!  
E não-de-te nomear sócio da academia  
E, quem sabe! talvez barão dos Evangelhos.

Penetremos na igreja a ver esta farçada.  
Uns entram para ver a casa iluminada,  
Os dândis é por chic, os velhos por decore;  
Éstes é para ouvir tocar umas quadrilhas,  
E os outros, que sei eu!... para vender as filhas,  
Para matar o tempo ou arranjar namoro.

Lá vai o pregador dizer a sermonata:  
Tossiu, cuspiu, sorriu, bebeu a sua orchata  
E começa a falar. Tem uns bonitos dentes.  
E com gesto facundo e voz amaneirada  
Recita uma enfiada  
De tropos excelentes.

Acabou-se. O auditório  
Gostou do farelório  
Como gostámos nós.

Soltam-se exclamações por entre algum rumor:  
— Muito bem! muito bem! — E' um grande pregador!  
Foi um rico sermão! — E que bonita voz! —  
E é esta a tua casa, ó meu pobre Jesus!  
Não te bastou a cruz;  
Era preciso o altar.

Que destino cruel, que trágica ironia!  
Nasces na estrebaria,  
Vives no lupanar!

Desfila pela rua imensa multidão.  
Saiu a procissão;  
Paremos um instante. E' curioso isto.  
Que farças imbecis, que velhas pompas mudas!  
Lá vai pegando ao pálio o teu amigo Judas,  
Que está, como tu vês, comendador de Cristo!

Os anjos teatrais caminham lentamente  
Com áas de galão feitas expressamente  
Nas lojas de Paris

Pobres anjos de céu! querem martirizá-los:  
Vão cheios de suor e apertam-lhes os calos  
As botas de verniz.

Agora passas tu num palanquin bordado.  
Coitado!  
Muito trabalho tem quem faz religiões!  
Repara como vais, olha que bela túnica:  
E' pavorosa, é única!  
Ofreceu-te um burguês num dia de eleições.

E atrás do velho andor e atrás das velhas opas  
Vão desfilar agora os esquadrões das tropas  
Com gesto marcial.

Tu que amavas os bons, os simples e as crianças,  
Seguido como os reis dum matagal de lanças,  
Meu pobre general!

Terminou a função. E' negro o firmamento.  
Ai que aborrecimento!  
O' meu Jesus, que tédio!  
Para poder dormir, para poder ceiar,  
Que há-de a gente fazer? vamos ao lupanar,  
Não há outro remédio.

Ah tens, meu amigo, os cônegos vermelhos:  
Que rostos joviais, brunidos como espelhos,  
Que riso debochado e gesto violento!  
E á noite, a esta hora, uns padres sem batinas  
Decerto não virão pregar ás concubinas  
O 6.º mandamento!

Os teus guardas fieis depois da procissão,  
Já roucos de cantar um velho cantochão,  
Deixaram-te no templo abandonado e só.  
Uns vieram beijar as carnes prostituídas,  
E os outros foram lér no quarto, ás escondidas,  
Romances de Bellot.

E como a noite é linda a branca lua passa,  
Ostentando na frente a palidez devassa  
Duma infeliz mulher,  
Quando tudo fermenta e tudo anda de rastros,  
Já não deve admirar que a sifilis chegue aos astros  
E precisem também xarope de Gibert!

Meu Pai, vamos ceiar. E' quasi madrugada;  
E' a hora do tom, a hora consagrada  
Para os ricos festins á viva luz do gás.  
E' a hora da morte, a hora do atáide,  
E a mesma em que repousa a cândida virtude  
Nos braços de Faublas.

Anda, não tenhas medo, entra no restaurante  
A sala está repleta. A púrpura brilhante  
Dos desejos inflama os sonhos tentadores.

O champanhe sacode os crânios embriagados,  
E os crimes sensuais e os vícios delicados  
Rompem num turbilhão de venenosas flores.

O punch, iluminando as faces cadavéricas,  
Faz-nos imaginar as saturnais quiméricas  
Que á noite deve haver na morgue de Paris,  
Aonde as cortezãs, mais róxas que as violetas,  
Ao luar cantarão as verdes cançonetas  
Das podridões gentis.

Volteiam pelo ar os ditos picarescos,  
Elásticos, febris, doidos, funambulescos,  
Como gnomos de luz vestidos de histriões,  
Dançando, tilintando os guisos argentinos,  
Fazendo á luz do gás tregeitos libertinos  
Com o riso cruel das alucinações.

Cecmos. Manda vir as coisas que preferes;  
E que nos vão buscar duas ou três mulheres,  
Que as há perto daqui;  
O mais, pede por boca, ó meu divino mestre;  
Mas escuta, olha lá, não peças mel silv stre,  
Porque já se não usa e riem-se de ti.

E agora é destampar a rubra fantasia!  
Bebe, pragueja, ri, inventa, calunia,  
Anda! mostra que tens espírito, ladrão!  
Não quero ver chorar os olhos teus contritos;  
Sé canalha com graça, infame com bons ditos,  
Vamos, sensaborão!

Conta-nos em voz alta histórias bem galantes,  
Segredos irritantes,  
Vergonhas sensuais,  
Adultérios da moda, escândalos, misérias,  
Tudo isto, já se vê, com ótimas pilhérias,  
Bastante originais.

Tu precisas perder esse teu ar de adventicio  
E um certo horror ao vício,  
Dum pedantismo ignaro;

Formosura sem vício é coisa que não tenta;  
O vício, m tu amigo, é bom como a pimenta,  
E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Conversemos, alegre a tua fronte augusta,  
Sé espirituoso, inventa, o que te custa!  
Uma infâmia qualquer muitíssimo engenhosa...  
Tens um abraço bem, vamos calunia-o;

E dás-me a mais formosa.

Parece que o rubor te vai subindo ás faces...  
O' Filho, não me masses!  
O' Filho, tem piedade!

Deixa-te de sermões; no fim de contas eu  
Sou muito bom cristão... um pouquinho ateu,  
Como um cristão qualquer da fina sociedade.

Saiamos; rompe a aurora. A burguesia dorme,  
Como a gibóia enorme  
Que rressona, depois de devorar um toiro;  
O' gibóia feliz, ó burguesia, ó pança,  
Dorme com segurança  
Que a força está de guarda aos teus bezerras d'oiro.

E chama-se Progresso, ó Deus, esta farçada!  
Isto é o cinismo alvar e em pélo, á desfada,  
E' a prostituição ignóbil da mulher,  
São desejos brutais, é carne em plena orgia,  
Emfim a saturnal da podre burguesia,  
Que reza como o papa e ri como Voltaire.

Morrendo o velho Deus, o velho Deus tirano,  
Este mundo burguês, católico-romano,  
Encontrou-se sem fé, sem dogma, sem moral;  
A justiça era ele, o Padre-onipotente;  
Esse Padre morreu; ficou-nos simplesmente  
Um único evangelho — o código penal.

A consciência humana é um monte de destroços.  
Foram-se as orações, foram-se os padre-nossos,  
Tombou a fé, tombou a cruz, tombou o altar;  
E o velho Deus-castigo e o velho Deus-receio  
E' simplesmente um freio  
Para conter a raiva á besta popular.

A crassa burguesia, essa rédua fradesca,  
Opípara, animal, silénica, grotesca,  
Namora a Deusa-carne e adora o Deus-milhão;  
E as almas fermentando assim nesta impureza,  
Resvalam sensuais do leito para a mesa,  
Da mesa para o chão.

Vendem-se a peso d'oiro as languidas donzelas,  
Mais torpes que as cadelas,  
Que ao menos dão de graça o libertino amor.  
E o Dever, a Saude, o Justo, o Verdadeiro,  
Esses ricos metais fundem-se no braseiro  
Dum sensualismo espesso, atroz, devorador.

A agiotagem, a bôlsa, a cotação dos fundos  
E' o principio rei dominador dos mundos,  
E' um sangue vital, forte como o cognac.  
Engordai, engordai, ó bravos homens sérios,  
Que servis para dar estêrco aos cemitérios  
E música a Offenbach.

A vergonha morreu, a dignidade foi-se.  
O mundo oficial é um vergonhoso alcoice,  
E a plebe tripudiando em horridas orgias  
Lança sobre o Direito um pustulento escarro,  
E acende, cambalando, a ponta do cigarro  
Na fogueira que abrasa o Louvre e as Tulherias.

A família é um bordel. Os leitões sensuais  
São verdadeiramente esgotos seminiais,  
Eróticas latrinas,  
Onde entre o tumultuar dum debochado gôso  
Se fabrica de noite o sangue escrofuloso  
Das raças libertinas.

Calmo-nos. Eu ouço as ferraduras de Argus.  
E' a Ordem e a Lei; correm a trotes largos;  
Veem nesta direção, escondê-te, Jesus!

(Conclue na 2.ª pagina)

LANTERNA MAGICA

Um carioca paludico, que se diz catolico e cuja cretinice...

Quando um desgraçado não tem argumentos serios para opor ás verdades que estampamos...

Mas, continuemos a transcriçao. Ha meios mais decentes de se ganhar dinheiro...

Quando a vemos primeiro para onde e a quem mandamos o nosso jornal (ou folheto) o sr. R. (aliás sem nenhuma senhoria)...

Agora, quanto ao remate da sua indecentissima carta, no que diz respeito a ser a "A Lanterna" dividida em quatro partes...

Agora muita atençao, leitores amigos, pois ai vai o remate da gentilissima carta de um carioca catolico apostolico e romano, SUR LE MARCHÉ.

Poderia eu aproveitar o numero que ora estou devolvendo, pois rasgado em quatro partes substituiria perfeitamente o meu papel higienico...

AOS AGENTES DE

Solicitamos a todos a gentileza de nos remeter com urgencia qualquer importancia que, por ventura, tenham destinada ao jornal proveniente de assinaturas, venda avulsa, pacotes, folhetos ou para "azeite", visto estarmos precisando de recursos para atender aos compromissos inadiveis do jornal e assegurar a sua publicaçao regular.

Catecismo Hereje-

A intolerancia e a represalia dos santuarios ameaçados em seus interesses materiais.

O caracter do sacerdotio catolico e de não viver em paz com nenhum outro sacerdotio. Ele reclama para si a liberdade como privilegio para oprimir aos outros...

A excomunhao e uma parodia do Deus Jupiter do paganismo, que fulminava a torto e a direito os que discordavam do culto que lhe rendiam.

Enrique III, da Inglaterra, ordenava a visita juridica em 144 conventos de freiras; a metade das recolhidas se achavam gravidas, não, decerto, por obra e graça do Espirito Santo...

A. Leterre

empregos e que não raro, apesar da dedicacao dos nossos correleigionarios e amigos, repomos do nosso para sustentar a nobre necessaria campanha de zurrir a padralhada que educa arrieiros da laia do nosso carioca e que forma mentalidades tao asquerosas como a desse improvisado e caricato critico, conselheiro e protetor do nosso jornal e das nossas pessoas.

Quando a vemos primeiro para onde e a quem mandamos o nosso jornal (ou folheto) o sr. R. (aliás sem nenhuma senhoria) ha de concordar conosco em que não podiamos empreender uma viagem ao Rio ou escalar um nosso auxilium para saber, ao certo, a que categoria de insecto pertence ou, admitindo que tenha figura de gente, sabermos se na sua frente de predestinado ha qualquer sinal que o distinga dos demais minotauros que á guisa de S. José cedem seus direitos de paternidade ao Espirito Santo.

Agora, quanto ao remate da sua indecentissima carta, no que diz respeito a ser a "A Lanterna" dividida em quatro partes para a finalidade a que alude, e possivel que apenas um exemplar ou mesmo toda a sua tiragem, que e de 12.000 exemplares, não consigam fazer desaparecer da face da terra e do Cristo Redentor um trampa de tao avantajado volume.

Orlando

CRONICAS SERAFICAS

Opera clerical?...

Rio - Abril, 3 - Entre outras coisas sensacionais, que nos prometem na proxima temporada oficial deste ano, no Teatro Municipal, está a vinda de um padre compositor, que regerá, de batina, a sua opera "Cecilia". Trata-se do reverendo Licinio Repice, que vem com permissao do sr. papa. A protagonista da opera será a conhecida soprano sra. Claudia Muzzio.

Fan-tás-ti-co! Só nos faltava ver um sacerdote do credo romano "oficiando" num teatro! Esse espectáculo, porém, deixará de ser inédito, dentro em breve. Formidável!

Como se observa, a offensiva clerical avança. Já se havia feito sentir em quasi todos os setores da atividade humana. Faltava o teatro... Pois lá vem um maestro de sotaina reger musica de sua autoria, em espectáculo profano...

Vem a calhar. Antes era o padre-deputado Arruda Camara, que, vestindo-se com o uniforme de major, atropou a Camara com o seu verbo avalentado, proclamando as virtudes dos produtos da marca "Peixe"; mais tarde, o reverendo Leandro, aconselhando seus pares a se iniciarem nos manejos da faca, e deixando-se fotografar num "rink" de "jiu-jitsu"; agora, o padre Licinio, dirigindo Claudia Muzzio, em cena...

Amanhã, ninguém se admira quando um outro virtuoso padraça estreiar num "circo de cavalinhos", exibindo-se em piruetas e acrobacias...

"Eles" não rejeitam nada...

Xim



Guerra Junqueiro & Cia.

E' com satisfacao que podemos oferecer aos nossos leitores essa preciosidade que ai está.

Dizemos preciosidade e dizemos bem. Essa fotografia e a crônica que abaixo se vai ler, teem quasi que a idade dos que aqui vivem a brigar com a gente santa.

São reproduzidas de uma coleção de A Semana, uma valiosa revista literaria publicada em 1885 sob a direção de Valentim Magalhães e colaborada por muitos que depois foram astros de primeira grandeza do mundo literario brasileiro.

Pois foi nesse ano que Guerra Junqueiro, o poeta batalhador da Velhice do Padre Eterno pregou a tremenda peça a esse mastodonte corado que ai vedes, fazendo-o tirar, ao seu lado, essa original fotografia.

Claro está que o santo homem não sabia então com quem posava ante a fatal objeiva.

Encontraram-se em viagem, num comboio, palestraram e, antes da despedida, quiz Guerra Junqueiro que daquêl encontro ficasse uma recordação perene.

E ai está a fotografia, onde vemos o nosso poeta ainda sem a sua bela barba.

E agora leiam os leitores este belo trecho da cronica da Semana:

Sobre o papel albuminado haviam duas figuras. A principal, a maior, era a de um vigario da roça, alto, corpulento, espadado, de chapéu desabado, farta batina, rijos sapatos e enorme varapáu. O rosto quadrado, saudavel e recheado, deixava-nos adivinhar uma serie de verdadeiras hecatombes de lombo de porco, amplamente regadas, como nos sacrificios pagãos, com o suco puro e cristalino das uvas criadas ao sul meridional. Dos pés á cabeça, esse cura de aldeia não é apenas um hercules: é um cilindro! Sobre o negro da batina o cabeção, branco e simples, dá-lhe o ar episcopal. Conscio do vigor dos seus musculos, que, talvez, já na mocidade, tivessem varrido feiras, a pau, ostenta uma attitude imponente e o amplo cacete que segura com força, talvez tenha sido um auxiliar valioso dos dogmas, ao longo dos campos e das povoações rurais, ameaçando fazer cóo comum com a excomunhão e com os exorcismos aos magãos... se fosse preciso.

Além das proporções físicas que esboçamos, devemos acrescentar as morais. O cura que está ao lado de Guerra Junqueiro, é, segundo nos informam, um miguelista façanhudo, um ultramontano dos quatro costados!...

Surpreendido em sua boa fé, pelo autor da Morte de D. João, que ele não conhecia pessoalmente, mas que devia odiar pelos seus arregaños contra o céu e a corte divina, deixou-se seduzir pelo canto da sereia e foi catequizado como qualquer indígena, até ao ponto de pactuar com a civilização e com as artes do diabo, indo tirar o retrato.

E ao lado de quem? Do homem mais odiado pelos padres!

Vê-se que o valente cura tomou a coisa bem ao sério, pois que se estivesse em frente dos altares, não se mostraria nem mais solene nem mais convicto, do que no cartão-album em que se exhibe.

Ao seu lado esquerdo está Junqueiro, de chapéu baixo e roupa de viagem; a bengala na mão direita, o charuto entre os dedos. O chapéu, ligeiramente inclinado, assombra-lhe um pouco o rosto, mas os seus olhos brilham com uma alegria mefistofelica, o labio sorri com uma expressão irresistivel e vitoriosa.

Ele e o cura formam o mais singular contraste que se pôde imaginar: Um é hercúleo e rotundo, o outro é baixo e magro; um tem nas faces a ingenuidade de 40 anos de missas e de lombo de porco; o outro, todos os desesposos do artista, festejando o momento em que a fotografia os colheu, os dois companheiros estão satisfeitos e triunfais.

Eu faço idéia do desapontamento do bom vigario quando, um dia, vier a saber quem é o seu companheiro, e faço ao mesmo tempo votos porque o meu amigo tenha posto entre a sua pessoa e a do padre minhoto a respeitavel distancia de algumas boas leguas portuguezas: porque, de outro modo, a posteridade só poderia guardar os ossos do poeta - em um feixe! Desejo ardentemente, que entre as franzinhas costas do meu amigo e o inquebrantavel varapáu do abade, haja, no rigor da frase, - um abismo!

De outro modo era uma vez um poeta e lá se nos ia a Morte de Jeová!

Imagino a furia do bom cura, quando souber da mistificação de que foi vítima, e quem é o seu companheiro! Recio que Junqueiro tenha de expatriar-se, convicto de que, ante a bengala do seu companheiro, só o Atlantico lhe pôde servir de eficaz intermediario!

E é muita abnegação, que, para fugir á trivialidade, ele tenha arriscado, tão temerariamente, as suas costelas.

Que fuja! E' o conselho que lhe dou. E como Camões, poderá gabar-se de ter salvo os seus poemas de um verdadeiro naufragio.

Ah! se o cura o apanha! Sai-lhe caro o retrato!

Julio Verim



HOSTIAS AMARGAS

Semana santa. Estamos em plena comemoracao do carnaval maximo da igreja. Nestes dias e que mais se agitam as hostes clericais. Durante o ano todo não se registam tantas ceremonias consecutivas dentro e fóra dos templos, pois foi a tragedia do Calvario que deu pretexto á elaboraçao dessa palhaçada que, com tanta habilidade, sabem os padres explorar, daí tirando o melhor e mais facil meio de vida.

E' por isso mesmo uma semana de férias para os individuos religiosos ou não, em virtude da quasi geral vadiagem, pois o trabalho constituiu pecado e a festança virtude - o inverso da verdadeira moral.

E os espiritos captivos pelos excessos de religiosidade empolgam-se, então, na sequencia dos atos liturgicos, completamente esquecidos das necessidades reais á vida, suggestionados pela eloquencia de oratoria com que o cléro costuma embasbacar os fieis.

São as palmas de domingo de Ramos, depois as Trevas, a desnudação dos altares, a missa dos presantificados, a procissao do enterro, a aleluia e a resurreiçao. E, em suma, no que consiste a comemoracao da paixao de Cristo, cerimonial preche de espectacularidade, inteiramente vazio de espiritualidade. E' um perfeito carnaval a atrair as populações, como si fóra uma vingança do cléro a querer empanar o brilho do outro carnaval - o pagão, que ha quarenta dias conseguiu arrastar em meio do maior entusiasmo essas mesmas populações. Dir-se-ia que o cléro, observando o sucesso da festa pagã, sentiu-se influenciado a fazer a sua nos moldes daquela, modificando apenas as atitudes e o tom das musicas. Sim, o que se tornava necessario era fazer teatro, festejar, tocar musica, bater matraca para atrair gente. E assim se vem fazendo ha centenas de anos. Tudo se modifica,

tudo se aperfeiçoa, mas, enquanto muitas atividades humanas destilam-se no sentido de suas essencias benéficas a igreja segue o seu ramerrão secular, com as suas materialonas e grosseirissimas solenidades nada espiritualizantes, completamente falhas no sentido do aperfeiçoamento moral dos povos.

Senão, vejamos. Se as tais escrituras sagradas, já anteriormente á era cristã, condenaram a idolatria, como admitir-se, em pleno século vinte, a adoraçao de um objeto de metal com o nome de Santissimo Sacramento; como tolerar-se, carregados processionalmente pelas ruas, figuras de gesto e de madeira, com o nome de santos, exigindo-se o respeito dos transeuntes; como permitir-se a exposiçao de bonecos deitados ou em sentido vertical com uma bandeja aos pés para a coleta de espórtulas? Como, após a descoberta de Pasteur, não se apelar para as autoridades sanitarias afim de que lance os seus olhares vigilantes para aquela sucessão ininterrupta de pessoas inconscientes a beijarem, na sexta-feira santa, um mesmo ponto daquêllos bonecos que os padres colocam nos templos á guisa de Jesus Cristo amortalhado para o efeito da extorsão dos niqueis dos papalvos e dos otários? Numa época de tanta atividade pelas ruas repletas de velozes veiculos é admissivel a interrupção do transito publico, propositadamente, por esses cordões carnavalescos chamados procissões, durante horas seguidas, em berrante desrespeito á liberdade de locomoção daquêllos que não apreciam essas pantomimas?

E é ante essas irregularidades, esses abusos e esses crimes que devemos silenciar? Se a lei pune os ilaqueadores da opiniao publica e os vigaristas, se ás autoridades compete zelar para que não se perturbe o transito e se evite a transmissao de molestias contagiosas, ela sendo igual para todos, deve impedir essa semana santa, pela maneira grosseirissima como vem sendo realizada, desde que a igreja persiste em contrariar a marcha da civilização, do progresso e da ciencia, como aliás é da essencia de sua propria doutrina, eminentemente conservadora e tradicionalista.

J. Gavronski

Educação sexual

Pelo dr. José de Albuquerque

Temos recebido alguns boletins do Circulo Brasileiro de Educaçao Sexual, assim como o seu orgão official "Educaçao Sexual", em que o dr. José de Albuquerque vem desenvolvendo intensa propaganda de educaçao e cultura.

E' admiravel a persistencia e o ardor com que o dr. José de Albuquerque tem encarado esse problema em nosso país.

Devotado em extremo á luta contra os preconceitos sociais com relaçaõ ao problema da educaçao sexual, o dr. José de Albuquerque realiza, no Circulo Brasileiro de Educaçao Sexual, uma das mais necessarias e uteis tarefas culturais da nossa mocidade.

A sua obra tem-se irradiado para todas as partes, através de artigos publicados em jornais, noticias, boletins, conferencias, etc.

Constitui a propaganda de Educaçao Sexual um forte motivo de apoio por parte de todos os cientistas brasileiros, dado o atraso de que, nesse sentido, o Brasil se tem ressentido, submetido ao conceito amoral do catolicismo.

O SANTO OFICIO EM SANTA ROSA (R. G. do Sul)

"A Razão", de Santa Maria, publicou em 26 de Março, a seguinte noticia referente ao espancamento do padre Pressler, de que se occupou A LANTERNA em sua edição de 9 daquele mês:

"Cruz Alta, 25 (R.) - Pessoas vindas de Santa Rosa informam que foram assasinados ali, em circunstancias misteriosas, 2 individuos de nacionalidade uruguia que tomaram parte no barbaro suplicio do padre Pressler, fato este que teve rumorosa repercussão em todo o Estado."

Quem seriam os interessados na vingança? Quem os autores intelectuais do assassinio? Será novo processo de excomunhão ou implantaçao do Santo Oficio nesta colonia do Vaticano? Misterios da Divina Trindade!...

Lanterneiro de Uruguiana

Cauterios

CRISTO-PROLETARIO

E' a ti que me dirijo, humilde proletario, Mártir das opressões sociais, que és hoje em dia O piedoso judeu que o clero e a burguesia Arrastam, sob a cruz da miseria, ao calvario:

Ergue a frente e abandona esse ar de covardia, A servil submissao desse Cristo lendario, Torna-te um revoltado, um ladrão, um incendiario, Mas lança fóra do hombro a cruz que te angustia!

Ouve a voz da Razão, contempla a luz da Ciencia, Olha a fartura que ha, o luto desbragado, Vê o opróbrio em que estás nessa negra indigencia!

Enfrenta a corja vil que á morte te conduz: Mais vale ser no ardor da luta amigulado, Do que morrer, inerte e triste, numa cruz!

Raymundo Reis

(Conclusão da 1.ª pagina)

Metâmo-nos aqui num bêco, anda ligeiro! Que, se sabem quem és, meu velho petroleiro, Mandam-te pendurar segunda vez na cruz.

E agora, Filho, adeus. Eu vou dormir um pouco. E tu, meu pobre louco, Descança inda que seja um breve quarto d' hora; Tingem-se de vermelho as bandas do Oriente, E' hoje a Aleluia, e, necessariamente, Tens de ressuscitar logo ao romper d'aurora.

Eu mais feliz que tu, simples mortal que sou, Eu, meu amigo, vou Dormir até que chegue a hora do jantar. Adeus, e ressuscita apenas surja o dia; Se queres vem dormir á minha hospedaria, Que eu mando-te acordar."

E Arouet partiu, soltando uma risada, E Jesus ficou só na noite desolada, Naquela colossal Babilônia impudente, Entre quatro milhões de almas - quatro milhões De tigres, de reptis, de abutres e de l-ões Agachados na sombra ameaçadoramente!...

Quem a visse do alto essa Londres deserta Com a fosforescência esmorecida, incerta Da luz do gás a arder sob um céu tumular,

Semana Santa

de GUERRA JUNQUEIRO

Julgaria estar vendo um grande monstro escuro, Como que um Leviatan putrido num monturo Imenso a fermentar.

A noite era sinistra. Os ventos a galope Resfolegavam como as forjas dum ciclope, Com vivos de alienado e rugidos de feras. E o mar bramava ao longe atletico, espumante, Qual marmitta profunda a ferver troyejante Sobre cem mil crateras.

E Cristo foi andando errante, vagabundo, Através dessa vasta imperatriz do mundo, Opulenta Gomorra hidropica de Vicio, Que Deus não enxofrou talvez, como costuma. Porque, além de estar caro o enxofre, Deus, em suma, Já não pode arruinar-se em fogos de artificio.

E ele ia vendo os mil palácios portentosos Onde a besta feliz dormia, ébria de gócos, Um inefável sono, Emquanto que a miséria anônima, estaimada, A's três da madrugada Disputava o jantar no enxurro aos cães sem dono.

Vai arrotar um pouco á missa do meio dia, As altas catedrais, aonde a burguesia Tinham como que o ar dum teatro fechado. O aspecto mercantil dum armazem colosso, Em que Deus ao balcão vende os dogmas por grosso E o céu por atacado.

Os bancos, Pantagruêlo do milhão, monumentos De mármore e granito e bronze, solenitos Molochs, cuja pança obesa é um sorvedouro, Na virtuosa paz de monstros em descanso Digeriam de manso

Nos seus ventres de ferro um Himalaia d'oiro.

Nos mudos hospitais, onde emfim a desgraça Tem a consolação de agonizar de graça, Santos, monstros, heróis, - Tropmans, Valjeans, Phrinés - Anciavam no estertor do transe derradeiro, - Lixo que um bonzo vai entregar a um coveiro Para o calçar aos pés.

E era aquela imundície humana a humanidade! Tinha valido bem a pena na verdade, Pregado numa cruz morrer como um ladrão.

Para ao cabo de dois mil anos vir achar Pilatos sobre o trono e Cafaz sobre o altar De diadema na frente e báculo na mão!

Arrazou-se de pranto o olhar do Nazareno, Aquele olhar profundo, aquele olhar sereno Que outrora deu alívio a tantos corações, E a linha virginal do seu perfil suave Turbouse-se, apresentando o aspecto mudo e grave Das nobres aflições.

E mármoreo, espectral, com a frente sombria, Banhada no suor sangrento da agonia, Foi deitar-se outra vez na leiva tumular, Atleta que expirou tranzido de mil dóres E quer dormir, dormir entre as ervas e as flores Onde escorre piedosa a branca luz do luar.

E quando a cristandade, á volta do meio dia, Correu ao templo a ver o entremez da Aleluia, Em lugar dum Jesus banal de ciclorama Subindo ao firmamento, D'olhos azuis num céu d'anil, tímica ao vento, Sobre nuvens de glória e de algodão em rama, Viu-se na tela um Cristo em fúria, um visionário, Truculento, febril, colérico, incendiário, Como que um saltador fugido das galés, Na boca uma blasfêmia e no olhar um archote, Expulsando da igreja os cristãos a chicote E expulsando do altar o papa a pontapé!

Um punhado de noticias de Alagôa Nova (Paraíba)

ATENTADO A LIBERDADE

Com a chegada dos frades na ingrata missão de catequizar o já catequisado povo do romanismo e extorquir dinheiro para o nababo de Roma, houve, durante os ultimos dias, grande azafama nessa vila.

MONOPOLIO Ilicito

A comandita do Vaticano monopolizou o comercio das velas. Trouxeram, os frodes, grande quantidade de velas, santos, santinhos, medalhas, rosarios, terços, etc.

CONFISSÃO AURICULAR

A confissão já era uma imposição. Uma professora, aliás minha prima, teve de submeter-se de mau grado, a despeito de ter declarado descrever do valor de tal confissão.

O BREVIARIO DO PADRE E AZORRAGUE

Estamos, quasi, amordaçados. Temos de contemplar todas as palhaçadas do Vaticano sem tugir nem mugir. Os alcajotes do Papa bestificam as massas, na sua maioria analfabeta. E a ignorancia é capaz de tudo.

Uma das confessadas, que sempre foi e é carola extremada, de nome Antonia de Lemos, no dia seguinte amanheceu delirando. O que terá sido? Já mostrei inumeras vezes quais são as consequencias da confissão auricular.

Alagôas vai se libertar dos tentaculos do polvo clerical

Um conego raptou uma das suas ovelhas. Os ladrões deixaram os santos de cuecas

Alagôas vai se libertando da praga negra, dos corvos embatinados. Ha tres anos, Maceió assistia o casamento do ex-padre José Tavares, que jogava ás ortigas a sua negra sotaina para constituir honradamente o seu lar.

LIGA LAICA (Porto Alegre, R. G. Sul)

Recebemos desta organização laicista, sucessora da Liga Anticlericalista, de Porto Alegre, o seguinte comunicado: "Em sessão de diretoria foi apresentada a seguinte chapa, dependendo de aprovação da assembléa geral, anunciada para 11 do corrente, para a Diretoria que deverá dirigir a Liga no bienio 1935-1937."



Os anjos teatrais caminham lentamente Vão cheios de suor e apertam-lhes os calos As botas de verniz.

Correio dos Lanterneiros

S. PAULO (Capital) — Pedro Giannotti: Temos uma carta, vinda da Italia, consignada ao seu nome. Venha ou mande busca-la. Wood: Recebemos o seu desenho. Gratos. Porque não vem á redação? CURITIBA (Paraná) — Euclides Marques: Os versos a que se refere na sua ultima carta, foram publicados em o numero 389, com o titulo — Ao Som do Orgão... São outros? Quanto ao "azeite" safu na lista da administração, no numero passado — 392. Do resto, cientes.

COMO EXTENDER A PROPAGANDA ANTICLERICAL POR TODA A PARTE

Quem assina ou compra habitualmente o jornal é porque já é anticlerical ou simpática com a campanha regeneradora em que estamos empenhados. E' preciso, porém, dar cada vez mais expansão á propagação contra o clericalismo, fazer com que ela se estenda por todos os recantos do Brasil, principalmente entre os elementos que estão sujeitos á influencia nefasta do padre.

Azeite para "A Lanterna"

"A Lanterna" não visa lucros comerciais. E' um jornal de luta contra a ação nefasta do clericalismo e pela liberdade de consciência.

Vive exclusivamente das contribuições daqueles que sentem a necessidade do combate ás hordas que pretendem dominar o Brasil.

Para alimentar essa batalha contra o ultramontanismo devastador é que se destina esta coléta entre anticlericais.

- ASSIS — Lista n. 168, a cargo de Simão Lugetzki: Anônimo, 1\$; Um anticlerical, 1\$; José Alípio, 2\$; José Oliveira Lima, 1\$; E. D., 1\$; Simão, 4\$000. — Total ..... 10\$000

- Campos, 4\$; F. Gonçalves Pereira, 1\$; B. F. G., 1\$; C. C. Brilho, 2\$; Alfredo Hovschietz, 2\$; Armando da Rocha, \$500; João Mesquita, 1\$; Benedito Gonçalves do Nascimento, 1\$; Luiz Fonseca, 1\$; Martim Francisco Pinto, 1\$; Carlos Pereira, 2\$; Sebastião Fogaça de Moraes, 1\$; Rezende Campos, \$500; Benedita de Campos Grassi, 1\$; Mario Inacio de Campos, 1\$; A. Ribeiro, 2\$; Matias Pina Junior, 2\$; Josefa Inacio Campos, 2\$; Sebastião Roberto A., 5\$; Calisto Galdino, 1\$; Otavio Dias da Cruz, 1\$; Joaquim Chiquinho, 2\$000. — Total .... 43\$000

Devoluções de "A Lanterna"

Temos verificado irregularidades quanto aos exemplares de "A Lanterna" que o Correio nos devolve. Tem havido casos em que as devoluções são feitas com o desconhecimento dos destinatarios, muitas vezes de assinantes com assinaturas pagas.

PETROPOLIS (Est. do Sul) — Lista n. 59, a cargo de Pedro Bischoff: Bispo, 5\$; Para que não se apague, 10\$; Pedro, 1\$; Aurelio Gomes, 5\$; Santiago Vicentini, 5\$; José Ceciliano, 2\$; Damiano, 10\$; Pacialba, 5\$000. — Total .... 43\$000



LATA DO LIXO...

NO CEARA'

"Realizou-se no dia 21 de Abril, um desfile dos "camisas-verdes" do Crato. A população local vibrou de indescritivel entusiasmo na passagem dos soldados da patria."

Porque a Mariolatria

Dr. Edmundo Scala

Indiscutivelmente, e não ha quem ouse negar, no catolicismo, Maria ocupa o lugar de destaque, é o "factotum" da corte celeste. Todas as invocações, todas as adorações são dirigidas apenas e unicamente a ela. Representa no catolicismo tudo, a substancia e a essencia. A Maria são feitos os sermões e oferta dos presentes, os fieis são convidados a confiar quasi que exclusivamente em si e no seu poder absoluto.

Seculo II. Inácio, discipulo do apóstolo João, escreve de Roma aos Filadelfios: "Nas vossas orações deveis ter perante os olhos, apenas Jesus Cristo e o pai de Jesus Cristo." Seculo III. Origenes disse claramente: "Não tenhamos a desfaçatez de invocar algum outro, a não ser aquele que é Deus sobre todas as cousas, bastando a tudo por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo."

Nestes cinco primeiros seculos não se concebia outra adoração, outra veneração que não fosse Deus e Jesus Cristo. Como, pois, pôde o catolicismo passar uma esponja no quadro negro do passado, e fazer valer sob todos os pontos de vista, a opinião da seita de Colliridanos? Como, pois? Deixando mesmo em segundo plano Jesus Cristo? Mas porque? Acaso admitem a imaculada concepção de Maria? Os maiores nomes da igreja são acordes em negar categoricamente essa falsa concepção imaculada, esse sonho louco e nada mais.

Seculo IV. Atanasio pégava e escrevia: "Nós verdadeiramente somos adoradores de Deus, porque não invocamos nem criaturas e nem homens: invocamos o filho, que por nascimento procede de Deus, e que é o verdadeiro Deus, que nasceu homem, é verdade, porém que não obstante é Deus e Salvador." Seculo V. João Crisóstomo se opõe áqueles que queriam introduzir outros mediadores além de Cristo.

Seculo VI. Inácio, discipulo do apóstolo João, escreve de Roma aos Filadelfios: "Nas vossas orações deveis ter perante os olhos, apenas Jesus Cristo e o pai de Jesus Cristo." Seculo III. Origenes disse claramente: "Não tenhamos a desfaçatez de invocar algum outro, a não ser aquele que é Deus sobre todas as cousas, bastando a tudo por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo."

seita apenas que na balança dos fatos nada pesa, desprezando, deixando de lado completamente opiniões valiosas e sinceras? Aqui é preciso que a razão prevaleça e sufoque qualquer outro sentimento que seja. Si de fato Maria tivesse sido concebida sem mácula, os escritores do Novo Testamento não a teriam envolvido num silencio absoluto. Um ou outro poderia ter se conservado calado, talvez — admitamos também esta hipótese — por um sentimento de partidatismo, porém a verdade teria vindo á luz, a despeito de tudo e de todos.

# A semana da santa exploração em suas relações com o sacramento da eucaristia e com a redenção

Repetir incessantemente e em todos os tons que o clericalismo impenitente deturpou os ensinamentos do cristianismo primitivo, que enxertou na religião outros tantos mistérios que repugnam ao senso comum e que do seu Jesus fez o objeto da mais sordida traficância, seria ocioso, se a bôa fé dos pascaios beatos, por um lado e a conveniência interesseira dos dominadores, por outro, não conjugassem suas energias para perpetuar uma doutrina visivelmente refalsada, mas mercê da qual exercem o seu poderio sobre a massa amorfa que se chama povo.

Como, porém, a ingenuidade dolorosa dos papa-hostias, arregalando o olho para o alto como que a vislumbrarem um paraíso hipotético, repleto de delícias eternas e a argúcia calculada e sistemática dos gosadores da vida, que teimam em refocilar-se nos lodos pegajosos dos prazeres deste miserável vale de lágrimas correm parênteses, força é repizar o mesmo assunto e pôr, continuamente, a calva á mostra á padralhada parasitaria que exerce o seu triste mister de embrutecer a humanidade, amparada e acorçoada pela influência benevôla dos poderes públicos.

De todos os espetáculos e cerimônias da igreja católica os que mais dão margem a que sobressaia os maneios da mentira e da impostura são precisamente os da semana chamada santa.

Quando o meigo e ingenuo Jesus da Galiléia faleceu, pendurado no alto de uma cruz ignominiosa, para resgatar e redimir a humanidade do feio e originalíssimo pecado de Adão e de Eva no jardim do Eden, passou despercebido á sua argúcia de membro infalível da Trindade e á sua presciência divina que a sua paixão e morte dariam ensejo a que a casta sacerdotal encontrasse nesses fatos o melhor pretexto para o desfrute piedoso dos sacramentos inventados pela igreja, em seu nome.

Sem falar em que os padres lhe disvirtuaram todos os postulados de paz, de amor e de desprendimento pelas coisas materiais da vida, pois vêmo-los cada vez mais rotundos, mais pimpões, mais rubicundos e mais nocivos, refestelados em sumptuosos palácios a castigar os corpos bojudos com copiosos regabofes; sem falar em que, contrariamente ás ordenações do seu mestre, sempre se colocaram ao lado dos potentados do dia contra os pobres e os humildes, fazendo do seu ministério um poder superior ao de todos os tiranos da terra, poder divino e terrível diante do qual desaparecem todos os reis e monarcas existentes e por existir, constatamos e não sem pensar, que, entre nós, ganham dia a dia, mais terreno, seja ingressando na vida pública do país, seja infiltrando nas escolas publicas, primarias e secundarias, o virus deletério das mais extravagantes doutrinas.

Mas, como iamôis dizendo, as festividades da semana santa merecem aos srs. eclesiásticos cuidados especiais, carinhos extraordinarios pelo muito que tais solenidades impressionam e focalizam ao vivo o martirio do Nazareno. Nesses dias de luto, de dôr e de gloria para a igreja, os padres destacam para os pulpitos de seus estabelecimentos comerciais os oradores mais disertos e estes, dando largas á sua eloquencia sagrada em surtos e tropos sensacionais e eminentemente comovedores, chegam a arrancar sntidas lágrimas do auditorio rojado nas lages dos templos.

Dominam pela palavra soluçante e alada e, quando evocam a figura escarnecida, maltratada e torturada de Jesus, o seu suplicio e a sua morte na cruz, o beaterio em peso não tem mãos em si e dos-seus peitos, valentemente esmurrados, rebentam os mais sinceros soluços.

Manes de Giordano Bruno, de Savonarola, de João Huss, falai por nós!

Preendendo imitar tanto quanto possível os gestos e atos do Mestre, na quinta-feira san-

ta a padralhada procede ao simulacro do lava-pés. O bispo da diocese para dar um exemplo vivo da sua humildade evangelica, deixa o seu palacio, e tomando a sua LIMOUSINE de luxo dirige-se á catedral, onde 12 cavalheiros da mais fina sociedade, fingindo de apóstolos, recebem a ablução dos respectivos pés. Uma verdadeira comedia...

Nesse mesmo dia a igreja catolica comemora a instituição do sacramento da eucaristia e do sacrdocio catolico. Como se vê, dois fatos consideráveis e da mais alta relevancia para os srs. reverendos.

Quanto á eucaristia, a igreja ensina que por efeito da consagração do padre, Deus todo poderoso, ou antes o Cristo Rei, tem de descer do trono de sua gloria sempiterna e ageitar-se nos acanhados limites de uma hostia. Que, sem embargo da hostia conservar a sua apparencia, contém de fato o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Cristo e que esse corpo existe indifferentemente em todas as hostias que forem consagradas, qualquer que seja o seu numero. Ensina mais, a santa madre igreja que se uma hostia consagrada fór dividida, por exemplo, em cincoenta pedaçõs, cada uma dessas particulas conterá, da mesma fórma, isto é, integralmente, o corpo de Jesus, o que, como observa Miron, aberra da sã razão e da logica, pois nos levaria a admitir o absurdo de que o todo seria menor do que a sua parte.

Misterio!, respondem imperturbavelmente os srs. teólogos. Ou a razão abdica das suas luzes em favor do dogma ou os recalitrantes que se avenham no outro mundo com o Tinhoso, nos quintos do inferno.

Quanto ao misterio da Redenção decorrente da paixão e morte de Jesus, nada mais oportuno do que trasladar para aqui as judiciosas considerações do aludido escritor. "O misterio da redenção baseia-se em um principio radicalmente oposto ao nosso senso juridico qual o da transmissão hereditaria do pecado e da reversibilidade dos meritos. Em uma sociedade humana, seria realmente insensato que um bandido em vez de sofrer o castigo do seu delicto fosse substituído por um inocente que consentisse em sofre-lo em seu lugar. A justiça exige que cada um responda por seus atos e seja

tratado de conformidade com seus merecimentos. No sistema catolico, Deus é CREDOR de uma infinidade de sofrimentos e o homem, seu DEVEDOR, é infinitamente insolvente, a menos que não se lhe conceda um prazo infinito para satisfazer seus compromissos. Mas como Deus não quer abrir mão do seu credito e, muito menos ainda, conceder qualquer prorogação, resolve exercer a sua vingança sobre outra pessoa. Ora, sendo essa pessoa um dos membros componentes da trindade, segue-se que a sua vingança recaí sobre si mesmo, pois o que é certo é que, em tal caso, o ofendido não é uma determinada pessoa da trindade, mas sim a trindade em sua plenitude, tocando ao Deus filho o seu quinhão. Ora, optando pela vingança, Deus nada mais fez do que oferecer á sua pessoa as proprias torturas e a propria morte para dar-se por satisfeito. Em conclusão, Deus sacrifica Deus para aplacar a Deus".

O mais clamoroso de todos os dispautes catolicos!... Todas as festividades da semana santa giram em torno da enormidade inconcebível de uma divindade que, tendo permitido a Adão e Eva o comerem o fruto proibido, sente-se entretanto ofendida e manda o seu filho sobre a terra para resgatar, pela morte, o pecado original do crestei, multiplicai e povoai a terra, por êle mesmo decretado.

E a humanidade apesar dos beneficios da redenção continua cada vez mais enlameada de pecados, graças á ciência dos teólogos, cujo ganha-pão consiste precisamente em crear novos modos de ofender os melindres do bom Deus das alturas.

L. ROGERIO

# A Lanterna

JORNAL DE COMBATE AO CLERICALISMO

SÃO PAULO, 20-4-1935

Red. e Ad.: R. Senador Feijó, 8-B — Caixa Postal 2162

NUMERO 393



O Judas moderno...

## Liquidação eucaristica

O "Guia" dos peregrinos vendido a peso como papel velho

Jornais argentinos, chegados ultimamente, nos trazem a noticia de que o "Guia Oficial do Congresso Eucaristico Internacional", do qual, segundo palavras do cardeal Pacelli, se haviam editado 300.000 exemplares, para serem vendidos, como tudo quanto a igreja faz ou manda fazer, aos incautos peregrinos que, por motivos do congresso eucaristico afluíram a Buenos Aires, está sendo vendido a peso, como papel velho.

O jornal que nos traz essa noticia, comentando o fato, diz que o famoso guia foi um formidável "clavo" como o dos anjos do altar, e que isso revela como fracassou o congresso no que se refere á "grande afluencia de estrangeiros" cujo pretexto serviu para apanhar o dinheiro dos ingenuos.

E os ingenuos, neste caso, foram os comerciantes e as repartições officiais que deram anuncios para o famoso guia e que viram frustrados os efeitos daquela publicidade. Figura entre os anunciantes, por exemplo, uma empresa de serviços publicos, cujos dinheiros são do povo, que não deveria permitir, sem as devidas compensações, que seja burlado nos seus propositos de propaganda não lograda.

Sobretudo se é possível — (comenta o jornal) comprovar a denuncia que recebemos com respeito ao destino final desse guia.

E' que o "Guia Oficial do Congresso Eucaristico Internacional", que se vendia a um peso, acaba de ser vendido como papel velho a uma importante livraria: a Papelaria Argentina Zarate. Esta empresa comprou recentemente 40.000 kilos de guias eucaristicos, á razão de dois centavos e meio cada quilo. Como em cada quilo entram 4 exemplares, resulta que cada exemplar foi liquidado a menos de meio centavo, isto é, mais ou menos 75 reis da nossa moeda.

De modo que o Sagrado Coração de Jesus e o escudo eucaristico que figuram na capa; os retratos do papa e de toda a corte eclesiastica que atuo no primeiro plano do famoso carnaval da igreja, assim como as effigies do presidente da republica e do ministro das relações exteriores, cantos, hinos, orações, imagens de virgens mais ou menos autenticas, comissões honorarias e as outras, tudo isso que constitui o conteúdo do ex-guia, foi parar á fabrica onde teve origem: papel ás e ao papel voltaráis...

Tudo isto em nome da moral catolica e sob o sagrado signo da cruz.

Qual! isso deve ser calunia dos pedreiros livres!... Onde já se viu tamanha falta de respeito?

## LIGA ANTICLERICAL DE CAMPINAS

Comemorando o dia do trabalho, no dia 1.º de Maio a Liga Anticlerical de Campinas realizará, em sua sede, á Rua Regente Feijó, 1.045, uma sessão comemorativa.

Devorão tomar parte nessa reunião, além dos membros da Diretoria daquela organização de homens livres, varios oradores que para esse fim foram convidados.

Como se vê, continuam em franca atividade os trabalhos da

Liga Anticlerical campineira, que tem constituído um poderoso baluarte de defesa da liberdade de consciência.

Os bravos companheiros que, dispensando á luta anticlerical donados esforços, desenvolvendo as suas atividades nessa organização, não tem medido sacrificios, conseguindo manter de pé, com a caracteristica dos fortes, a luta contra o ultramontanismo, apesar dos obstaculos a vozcer, devem ser imitados.

## Carta ao meu amigo capote sem mangas

Rio de Janeiro

Meu presado amigo. E' de meu dever comunicar-lhe que fiquei devéras radiante ao lêr na "Bôa Nova", jornal editado em Cadima, terra que deve estar envergonhada de seus filhos, uma carta por v. enviada ao padre redator, enviando-lhe, juntamente, uma certa quantia para auxiliar a construção da taberna clerical, e em cujo conteúdo mostra v. ter esquecido o seu passado.

Lamento que v. tivesse abjurado o direito de cidadão livre para compactuar com esses réles vendedores de missas e deturpadores de lares honestos que v. bem sabe e conhece.

Que v. trocasse de idéias, como todos os politicos profissionais, para atender aos seus interesses, é admisivél; que você seja um vira-casaca, como todos os conhecem de soslaio, é crível, mas que v. compactue com os comparsas de Judas, ah, isso não!

Que dirão os grandes homens da democracia republicana do nosso país? Que diria o grande Antonio José de Almeida, se tivesse a desdida de ler a sua desvergonhada carta?

Diria talvez: "De que velhacos me cerquei!" Aconselhar-vos-ia a me rasgassei a mascara de hipocrisia que cobre as vossas atitudes.

Que poderá dizer quem vos conhece o passado? O mesmo que dizia vosso tio padre: — "Bemaventurados sejam os pobres de espirito, porque deles é... a cachoeira da hespanhola..."

Eu tenho pena, como bom amigo, que você abandonasse os principios de liberdade porque se batia, não pelos principios, que nada perdem com as definições de caracteres frouxos e indecisos, mas por você mesmo que me causa lastima.

Vê-lo sair de um ambiente onde predomina, como principio, a franqueza e a sinceridade para se curvar ao beija-mão de réles tonsurados é, realmente, de causar pena.

E depois, como franqueza, se a você sobram economias para dar á corja vaticanessa, não devia você esquecer que ha pessoas que fizeram sacrificios pelos seus e de quem você tinha a obrigação de não se esquecer. Enfim, que as pias de agua benta, a porquissima agua das pias da igreja de Cadima lhe façam bom proveito, é o que lhe deseja o amigo e ex-admirador, que continua a olhar para o horizonte onde fulge sempre, embora turvado pelas negras sotainas que saciam as guelras no cadaver de um povo de tão belas tradições liberais, o ideal que ambos abraçamos um dia e do qual você se afastou para pôr u'a mascara de rato de sacristia.

S. Paulo. — José Antonio de Oliveira.

## AOS ASSINANTES DA CAPITAL

Ha muitas pessoas que, nesta capital, recebem "A Lanterna" desde o inicio desta fase e ainda não pagaram suas assinaturas. Também ha os que já devem o segundo semestre vencido.

Todos prestarão um bom auxilio ao jornal mandando pagar com urgencia suas assinaturas na administração, das 8 ás 11 e das 13 ás 18 horas.

Aqueles que não puderem pagar na administração, farão o favor de nos escrever marcando dia e hora para serem visitados pelo cobrador do jornal.

## Vai deixar a batina

O SR. JURACI MAGALHÃES O AMPARA COM UMA NOMEAÇÃO PARA O ARQUIVO PUBLICO

O "Correio da Noite", do Rio de Janeiro, edição de 18 de Março, em telegrama da Baía, publica o seguinte:

"Bahia, 18 (Do correspondente do "Correio da Noite"). — O Interventor acaba de nomear para um cargo no Arquivo Público do padre Manoel Barbosa. Sabe-se que essa nomeação visa a amparar o aludido sacerdote que vai deixar a batina".

Não censuramos esse sacerdote pelo ato acertado de conciencia que vai praticar. Toda a cidade do Salvador, de ha muito que sabe não ser o padre Manoel Barbosa um ministro de Deus enfeixado nos rigores externos da chamada "disciplina religiosa". Não era um respeitador do celibato e o seu ideal evidente é o de constituir um lar, isto é, casar-se. E é para casar-se que, segundo consta na capital baiana, o padre Manoel Barbosa deixará as vestes sacerdotais e o sr. Juraci Magalhães já lhe preparou a base civil da nova vida. Eram tres amigos inseparáveis: o padre Cristiano Muller, o padre Manoel Barbosa e o padre Anibal Mata.

O primeiro, um homem inteligente e considerado digno, já deixou as ordens e deu expansão ás suas inclinações sentimentais — casou-se e é apontado na Baía como um esposo modelo. O segundo, de acordo com o telegrama publicado, fará o mesmo. O terceiro, que foi o diretor espiritual a bordo do "Pedro II" quando da excursão ao Congresso Eucaristico de Buenos Aires, dizem que seguirá o mesmo destino...

O Rio de Janeiro... Os passeios de automovel... Assim, porém, devem fazer os sacerdotes de carácter: não é prégramem uma severa moral e praticarem outra... Os padres são homens, como os demais... Não devem mentir á natureza... E o que não devem é inclinar-se pela mulher do proximo, faltando a um mandamento da lei, que se é para ele de Deus.

## "A LANTERNA" NOS Estados do Norte

Para podermos regularisar a tiragem de maneira a ser possível atender aos novos pedidos de pacotes e para a venda avulsa, precisamos saber IMEDIATAMENTE se todos os exemplares expeditos estão sendo aproveitados.

Com esse objetivo, estamos consultando todas as pessoas a quem "A Lanterna" é expedida, por meio de uma circular, contendo um coupon, que deverá ser preenchido e devolvido PELA VOLTA DO CORREIO.

A referida circular, segue com o presente numero para todas as pessoas que nos Estados do Norte estão recebendo "A Lanterna".

Aguardamos resposta imediata.

é para todo o homem de bem um axioma inalteravel. O que o padre não pode é transformar o confessorio e a missa em pretextos de sedução.

Desde, contudo, que o celibato é uma imposição do regime catolico, o padre só tem uma coisa a fazer: submeter-se ou despir a batina, mas não abusar da fraqueza de mulheres e ostentar passeatas e mostrar o que não lhe é admisivél. Felicitamos, pois, o padre Manoel Barbosa pela resolução que corajosamente tomou e esperamos que outros, em identicas condições, procedam de igual maneira. Baía, em 29 de Março de 1935.

João S. da Costa Santos

## Contas do Rosario

"S. S. o papa Benedito XII era de hábitos regulares e costumava todos os dias, após o almoço, dormir a sesta. Quando estava nesse repouso, era absolutamente proibido perturbá-lo. Um dia, porém, penetra no aposento o camareiro, e, balbuciante, procura explicar-lhe a gravidade da situação.

— Santidade... é um caso excepcional... um caso escandaloso... Só por isso eu me permiti despertar Vossa Santidade...

— Mas... que ha?

— O que ha, Santidade, é que a madre Superiora do Convento das Carmaludinhas acaba de dar á luz dois gêmeos!

— E é por isso — exclama o Santo Padre — que me vindes acordar? E' esse o caso extraordinario?

— Se fosse, ao menos, um capuchino que tivesse dado á luz, vá!

E virou-se para o outro lado.

Foi confessar-se um homem e, chegando ao sétimo mandamento, confessou que havia roubado um porco a um seu vizinho.

— Ah! desgraçado! exclamou o confessor. E que fez ao porco?

— Mate-o.

— E que mais?

— Com-o.

— Bem. E não lhe pesa a conciencia de ter praticado tão feio crime?

— Sr. padre, na verdade...

— Calculou bem as consequências? Quando chegar o dia do juizo final, e comparecerem ai diante de Deus o senhor, seu vizinho e o porco, que dirá em sua defesa?

— Ah! Mas certifica-me que me verei diante do meu vizinho?

— Já se sabe.

— E que o porco aparecerá?

— Com toda a certeza.

— Nesse caso ao meu vizinhos — Vizinho, tome o seu porco. E restituir-lhe-o, pôde estar certo disso.

ACABA DE APARECER:

## "O Evangelho da Hora"

Por iniciativa de um companheiro que se prontificou a custear as despesas de sua impressão, acaba de aparecer em 4.ª edição, o popular folheto de Paulo Berthelot — "O EVANGELHO DA HORA" — que resume, em 48 paginas, numa linguagem simples e estilo primoroso, toda a questão social sob o ponto de vista libertario.

O resultado da venda será dividido em partes iguais, — em beneficio da publicação de "A Plebe" e de "A Lanterna" — conforme determinação do companheiro que ofereceu a edição desse folheto.

Preço, livre de porte, sem registro, \$500. Pedidos a R. Felipe, Caixa Postal, 195 -- S. Paulo.